
CETICISMO E REVELAÇÃO EM “O DEMÔNIO FAMILIAR”

Danilo Tavares Marinho da Silva
Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso
Mestrando

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar, de forma resumida, as ideias presentes no segundo capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulado “O ceticismo em ‘O demônio familiar’”. Nele, eu trabalho a forma como Joseph Sheridan Le Fanu trabalha o diálogo entre o misticismo e a ciência através do ateu James Barton e suas provações sobrenaturais ao ser perseguido pela assombração chamada O Espião. Em sua busca por uma resposta para a sua situação, ele passa por mudanças em sua filosofia de vida, deixando de ser um completo cético para acreditar na existência de um mundo extramaterial. Além disso, abordo os possíveis significados que O Espião pode ter, tomando por base ideias do fantástico de Todorov e do monstro no horror de Carroll e, por último, o conceito do inquietante de Freud. Por fim, observo a forma curiosa como Le Fanu opta por abordar tanto a ciência quanto a religião, visto que nenhuma das duas traz respostas ou conforto para o seu protagonista.

PALAVRAS-CHAVE: Horror, Le Fanu, Século XIX, Religião, Ciência.

A primeira versão do conto “O demônio familiar” foi publicada na coletânea *Ghost Stories and Tales of Mystery* no ano de 1851, sob o título de “The Watcher”. Apesar de o texto se manter inalterado quando ele foi reeditado na coletânea *In a Glass Darkly*, houve uma mudança significativa ao lhe serem acrescentadas uma introdução e uma conclusão. Essa coletânea apresenta os achados do Dr. Martin Hesselius, personagem fictício criado por Le Fanu. Seus escritos teriam sido encontrados, editados e organizados pelo seu secretário e discípulo, que não recebe nenhum nome – tanto ele quanto seu tutor são melhor trabalhados no conto “Chá verde”, que abre a antologia. Essas novas adições já chamam atenção por conta de alterarem a possível intenção da narrativa, uma vez que o relato original é feito por um membro do clero. Mais à frente discorrerei mais sobre a importância de se observar a relevância dessas novas partes.

O texto abre com a apresentação do personagem de James Barton, descrito pelo narrador – que confessa ter tido pouco contato com ele – como um personagem cuja característica principal era sua sobriedade:

Era um companheiro inteligente e alegre quando queria, embora geralmente reservado e em certas ocasiões até mal-humorado. Em sociedade, entretanto, portava-se como um homem do mundo e um cavalheiro. Não adquirira os modos bruscos e espalhafatosos que muitas vezes se adquirem no mar. Ao contrário, suas maneiras eram as de uma pessoa extremamente polida e delicada. (LE FANU, s/d, p. 219)

Além disso, ele também se mostra cético quanto ao mundo extramaterial. Durante um dos diálogos com sua noiva, ele chega a ser descrito como um infiel pelo narrador. Essa postura de Barton parece justamente ser um retrato das novas ideias científicas que afloravam pela Europa no século XIX. A publicação de *A origem das espécies* de Darwin em 1859 foi um grande marco por conta de seu posicionamento oposto ao criacionismo até então defendido pela Igreja. Aliado a isso, houve o famoso debate entre o bispo Wilberforce e o biólogo Thomas Huxley, cientista que se alinhou à escola darwinista, na British Association for the Advancement of Science. Esse foi um dos momentos marcantes que definiram a separação do pensamento religioso do científico – vale a pena aqui mencionar que até então havia diversos membros do clero trabalhando como pesquisadores em universidades da Inglaterra, além de membros do clero regendo essas instituições.

O protagonista de Le Fanu não foi o único a representar essa mudança de paradigmas. Em obras como “The Red Room”, de H.G. Wells, e “The Tapestry”

Chamber”, de Sir Walter Scott, surgem personagens com características semelhantes. Todos os personagens são apresentados – ou se apresentam, como no caso da obra de Wells, onde temos o personagem-narrador contando o seu relato –de forma igualmente refratária à influência sobrenatural, exibindo características que poderiam torná-los dignos de confiança. Após passarem por suas experiências com o sobrenatural, porém, acabam apresentando mudanças em suas formas de encarar o mundo.

A trama de “O demônio familiar” se desenvolve conforme Barton vai tendo contato com O Espião, uma assombração que o persegue. Sua influência é gradativa. No primeiro momento, são somente passos que Barton ouve ao andar por uma rua que dá acesso à casa de sua noiva. Após isso, ele recebe uma carta informando-o de que não deve mais passar por ali – essa carta vem assinada por O Espião. Nesse momento, o protagonista se assusta e começa um pequeno processo de questionamento acerca de suas convicções: “Uma coisa afinal tão insignificante é suficiente para pôr abaixo o orgulho do ceticismo e justificar, em nosso íntimo, as velhas e simples leis da natureza” (LE FANU, s/d, p. 222).

Conforme esse processo vai se intensificando – vindo de um anúncio num jornal fazendo menção ao antigo navio que Barton comandara quando membro da Marinha para uma tentativa de homicídio – suas crenças começam a ficar um pouco abaladas. É nesse momento que tem início uma série de conversas e consultas que definem o tom da narrativa de Le Fanu. Achando que sua condição pode decorrer de males físicos, Barton vai atrás de um doutor descrito como um dos mais confiáveis no ofício na época. Durante essa consulta, James é descrito como alguém um tanto quanto errático ao apresentar os seus sintomas para o médico. O doutor acredita que ele esteja sofrendo de algumas perturbações decorrentes de problemas digestivos e receita-lhe um medicamento e repouso. Então o paciente inicia uma sequência de perguntas consideradas curiosas pelo narrador:

Primeiro quero saber sobre essa doença chamada trismo (...). Se um homem teve essa doença, e parece ter morrido dela, segundo o laudo de um médico reconhecidamente capaz, pode ele curar-se? (...) Há alguma doença, na imensa gama de enfermidades humanas, que diminua perceptivelmente a estatura e todo o arcabouço do corpo, fazendo com que a pessoa encolha em todos os sentidos mas preserve ainda assim sua semelhança em todos os detalhes (...) qualquer doença, por mais rara e incrível que pareça, mas capaz de produzir tal efeito?(LE FANU, s/d, p.229-230)

Aqui é importante discorrer sobre uma característica peculiar d'O Espião. Barton o descrevera com a aparência de um ser humano, só que encolhido, daí a indagação acerca de possíveis doenças que causassem essa condição. Essa baixa estatura do personagem é um elemento recorrente nos outros contos analisados na dissertação. Assim como em “Chá verde” o personagem principal, o reverendo Jennings, é assombrado pelo espectro de um pequeno macaco, Laura, a protagonista de “Carmilla, a vampira de Karnstein”, se envolve com uma adolescente vampira. Essa aparência inofensiva dos “vilões” dessas narrativas não deixa de despertar curiosidade.

Mas há um outro detalhe que faz com que o caso presente em “O demônio familiar” seja ainda mais peculiar: Barton é capaz de reconhecer a identidade de seu perseguidor. Isso causa desconforto por conta de uma espécie de hibridismo criada por Le Fanu. Se, por um lado, é possível identificar quem é o que esse “monstro” é –um ser humano, no final das contas –, sua forma distorcida, reduzida, causa espanto e incômodo. Isso se enquadra no conceito de hibridismo que caracterizaria os monstros no gênero do horror que Noël Carroll trabalha em *The Philosophy of Horror*, onde o autor discorre sobre esse aspecto recorrente na formação de monstros em filmes de terror. Além disso, também é possível fazer uma associação à ideia do “inquietante” apresentada por Sigmund Freud. Nessa possível leitura, pode-se enxergar O Espião como um fato do passado que o inconsciente tentou sufocar, mas que, por qualquer estímulo que seja –uno caso, parece haver uma ligação com o recém-noivado de Barton¹ –acaba por retornar no consciente do personagem. O próprio Barton confessa essa ligação com o passado ao afirmar que “todo o caso estava vaga e indistintamente ligado, em sua própria mente, a certas passagens de sua vida pregressa que ele não gostava de recordar” (LE FANU, s/d, p. 225).

Retornando ao diálogo entre Barton e o médico, ao receber as respostas negativas para suas indagações, o transtorno do protagonista levou-o a ficar ainda mais preocupado. Logo depois disso, a assombração se tornaria ainda mais intensa, culminando no protagonista quase sendo alvejado na cabeça por um tiro aparentemente disparado pelo Espião.

¹ Essa relação do início do noivado com a assombração será retomada mais à frente quando a explicação apresentada pelo texto para a assombração for apresentada.

Após essa experiência, James Barton resolve procurar ajuda espiritual. Para isso, entra em contato com um famoso reverendo cuja identidade não é revelada e, durante essa conversa, ele demonstra a sua dificuldade em crer em algo espiritual, mas ao mesmo tempo se encontra numa situação muito complexa, uma vez que a ciência se mostrara incapaz de resolver ou elucidar o seu caso e, por conta disso, há uma mudança em seu pensamento:

Sou um incrédulo, e, portanto, incapaz de encontrar consolo na religião. (...) Certas circunstâncias forçaram-me ultimamente a meditar sobre ele [o assunto que fora discutir com o religioso], e isso de tal maneira que fui compelido a repassar toda a questão de maneira mais aberta, como nunca o fizera antes. (...) Estou certo... tenho provas –continuou Barton com crescente agitação – de que há um Deus... um Deus pavoroso que se desforra dos culpados da maneira mais misteriosa e monstruosa... com intervenções inexplicáveis e terríveis. (LE FANU, s/d, p. 236)

Aqui temos a primeira evidência mais clara do momento de “revelação” pelo qual Barton passa. Assim como os personagens de Wells e Scott, o de Le Fanu não passa incólume pelas suas experiências com o sobrenatural.

Após Barton expor o seu caso, o pároco faz uma breve análise da história que ouviu. O que mais chama atenção nessa conversa é justamente a alegação de que o caso do personagem em questão não se encaixaria no âmbito religioso, devendo ele, então, procurar a ajuda de algum médico. Essa postura deixa Barton numa posição complicada, uma vez que tanto a religião quanto a medicina foram incapazes de trazer qualquer tipo de ajuda. A partir daí, pode-se perceber que há um momento de conversão parcial, visto que ele pede que o reverendo ore por ele, já que se vê incapaz de realizar tal ato por causa de sua falta de fé.

Por conta da grande perturbação que passava –sendo, inclusive, perceptível a sua mudança de comportamento na sociedade, uma vez que ele havia se tornado mais reservado – James é convidado pelo general Montague, pai de sua noiva, a passar um tempo longe de Dublin. Durante essa viagem, um episódio muito curioso se desenrola: O Espião entra em contato direto com o general, tocando-o no braço e referindo-se a Barton. Esse é outro momento em que a materialidade desse personagem é provada, em que se mostra que o protagonista não sofre, de fato, de alucinações. Isso, porém, não impede que ele seja colocado em confinamento em sua própria casa. É nesse local que vemos uma conversão concretizada de sua parte. Ele muda a sua percepção da divindade:

Quando a justiça do céu permite que o Diabo ponha em ação um plano de vingança (...) então, sim, de fato os tormentos e horrores do inferno são antecipados para a terra. Mas o céu teve piedade de mim dando-me um pouco de esperança... e se a morte viesse sem a horrível visão que estou destinado a ver, fecharia agora meus olhos para o mundo com o maior prazer. (LE FANU, s/d, p. 251)

Mesmo com essa aceitação, ele não tem uma morte suave, pois seu corpo é encontrado com uma expressão de horror estampada no rosto, e, para tornar a situação ainda pior, há uma marca na cama de alguém que lá estivera sentado, mostrando, mais uma vez, a materialidade dessa assombração que o perseguiu até o final de sua vida.

Ao término da narrativa, temos acesso a uma possível explicação para o caso de James Barton. O personagem-narrador relata que o protagonista fora um capitão muito abusivo com a sua tripulação quando trabalhava na Marinha. O rumor que chegara aos ouvidos do personagem-narrador é que Barton se envolvera com a filha de um tripulante. Por conta da natureza “pecaminosa” desse relacionamento, o pai decidira punir sua filha e se rebelar contra seu capitão. Isso levou-o a ser castigado até a morte. Essa é a única explicação apresentada para o caso. O narrador destaca que “é suficiente dizer que nenhuma solução para esses misteriosos acontecimentos foi jamais encontrada” (LE FANU, s/d, p.257).

O conhecimento do passado de Barton reforça a leitura freudiana e o inquietante. Conforme exposto anteriormente, os ataques d’O Espião se iniciaram após o compromisso de noivado ter sido estabelecido, situação que fazia com que o protagonista se lembrasse de certos eventos passados. Apesar de Freud expor que essas emersões do inconsciente costumam acontecer em sonhos –como, por exemplo, no estudo de caso intitulado “História de uma neurose infantil” –, aqui temos a manifestação do inquietante num estado desperto. É possível argumentar que o processo corre dessa forma a fim de causar um maior impacto no personagem, uma vez que vem a fortalecer as dúvidas acerca da sua sanidade. Isso gera incerteza nos personagens da trama–se, por consequência, nos leitores, uma característica destacada por Todorov em sua leitura do gênero fantástico. Além disso, a interação que o fantasma tem com os outros personagens envolvidos na trama, os diagnósticos falhos e a constante afirmação de que ele é fruto de alucinações acabam trazendo as dúvidas acerca da real presença d’O Espião, apesar de sua materialidade. Essa incerteza é, também, uma característica muito presente na literatura fantástica no século XIX. Vemos ambiguidades semelhantes

na obra de Henry James, *A volta do parafuso*, onde nunca se pode ter certeza sobre a real presença dos fantasmas.

Como afirmei no início deste trabalho, essa nova versão do conto contém uma introdução e uma conclusão antes inexistentes. Essas duas seções aparecem como mediações por parte do secretário do Dr. Martin Hesselius num formato semelhante ao que é possível encontrar com muita frequência em outros contos de fantasmas, como, mais uma vez, no início de *A volta do parafuso*, de Henry James, onde um personagem alega ter posse de uma narrativa que iria assustar os demais presentes numa reunião de amigos. O ponto que merece destaque na introdução de “O demônio familiar” é a certeza que esse mediador tem de que Hesselius seria plenamente capaz de solucionar o caso:

Tivesse eu examinado o Sr. Barton e estudado seu caso nos pontos que estão exigindo elucidação, teria sem dúvida atribuído esses fenômenos à doença que os origina. Meu diagnóstico é, portanto, todo baseado em conjeturas. (LE FANU, s/d, p.128)

Além disso, o mesmo alega que o doutor já tivera contato com diversos casos semelhantes. Se considerarmos que a narrativa principal do conto, como publicada em “The Watcher”, é relatada por um membro do clero e apresenta a ineficácia tanto da ciência quanto da religião para solucionarem o caso de Barton, essa nova inserção parece mudar um pouco o tom do conto. Dando a certeza de que o caso seria solucionado, tanto o médico quanto o religioso consultados pela vítima são descreditados por um personagem que supostamente ocupa um patamar mais elevado do que eles. O problema surge quando percebemos que Hesselius é incapaz de solucionar um caso parecido –nem “Chá verde”, o reverendo Jennings, que Hesselius também alegara ser capaz de curar, acaba por cometer suicídio. As justificativas pífias apresentadas pelo doutor para o seu fracasso também fazem com que ele não seja levado a sério.

Dessa forma, concluo reforçando a importância de se considerar a narrativa de “O demônio familiar” como um todo, com todas as suas mudanças de alinhamentos ideológicos, já que ela demonstra como a ciência médica e a fé religiosa se mostram frágeis perante o fenômeno sobrenatural. Além disso, reitero a importância simbólica que a figura de O Espião tem na narrativa. Apesar de Freud ainda não ter publicado seus estudos relacionados ao inconsciente na época em que o conto veio à luz, já podemos identificar na narrativa de Le Fanu alguns traços do que viria ser o objeto de estudo da psicanálise. O questionamento que fica, então, é sobre qual seria a intenção final de Le

Fanu ao apresentar a ciência e a religião de forma tão ineficazes e impotentes. Além disso, o ofício de Hesselius parece dialogar com ambos os campos, mas ainda assim sua atuação é falha e ausente. Esse forte cinismo é perceptível tanto em “Cháverde” quanto em e faz com que a coletânea *In A Glass Darkly* se destaque pela consistência da escrita de Sheridan Le Fanu e sua postura cética quanto a possíveis soluções para esses casos tão misteriosos.

REFERÊNCIAS

CARROLL, Noël. *The Philosophy of Horror or Paradoxes of the Heart*. Nova York: Routledge, 1990.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JAMES, Henry. *A volta do parafuso*. Hedra: São Paulo, 2010.

LE FANU, Joseph Sheridan. *O vampiro de Karnstein e outras histórias*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

SCOTT, Walter. *The Tapestry Chamber, and Death of the Laird’s Jock*. Edição Kindle, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

WELLS, H.G. *The Red Room*. Edição Kindle, 2012.